



DIÁLOGOS ESTÉTICOS NO ATELIÊ DE CERÂMICA: CRIANÇAS, ARTE E NATUREZA

Margarete Barbosa Nicolosi Soares. USP
 Maria Christina de Souza Lima Rizzi. USP

RESUMO: Este artigo retrata uma experiência de curso de extensão à comunidade, decorrente de pesquisa de mestrado em artes visuais, sobre ensino-aprendizagem da arte em ateliê para crianças. Relata o processo criativo das crianças e transformações ocorridas por influência de ações poéticas em um ateliê experimental de iniciação a cerâmica.

Palavras-chave: arte, ateliê, arte-educação, ensino-aprendizagem da arte, cerâmica.

ABSTRACT: *This article depicts an experience of extension course to the community, arising from master research in visual arts, on teaching and learning in art studio for children. Reports the creative process of children and the transformations occurred by the influence of poetic actions in an experimental studio of initiation in ceramics.*

Key-words: *art, atelier, arte education, art teaching, ceramics.*

Fundamentos teóricos, práticos e poéticos

Desenvolvemos um curso de extensão para comunidade no Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com duração de 2hs semanais por um período de três meses, com o intuito de colocar em prática as descobertas e hipóteses levantadas durante pesquisa de dissertação de mestrado, sob orientação da Prof^a Dr^a Christina Rizzi, sobre o ateliê de artes para crianças. O grupo era composto por 20 crianças, entre 7 a 12 anos, advindas da comunidade.

Tendo como princípio a arte e o processo artístico criativo em ateliês de artistas plásticos e/ou artesãos, buscamos as teorias e práticas significativas sob nossas perspectivas pessoais ótica pessoal com o intuito de encontrar o que é vital para construção poética em um ateliê de artes visuais para e com crianças:

É essa integridade da arte: uma concentração incansável na unidade formal, a vitalidade estilística, com o objetivo de servir a arte à consciência evolutiva da humanidade, no esforço total de estabelecer um mundo humano em meio a um universo indiferente. (READ, p. 191)

O trabalho educativo nesse ateliê foi fundamentado nos pressupostos teóricos da Abordagem Triangular do Ensino da Arte proposta pela Prof^a Dr^a Ana Mae Barbosa, por meio do fazer, da leitura de imagens e contextualização com diversos campos do conhecimento e da cultura. Soma-se a essa abordagem os conceitos de poética, técnica e práxis postulados pelo artista plástico Prof. Dr. Evandro Carlos Poyares Frasca Jardim.

Contamos com a participação e colaboração dos estagiários Ana Helena Rizzi Cintra e Daniel Vírissimo, estudantes de Pedagogia.

A partir de um encontro inicial com os pais e com as crianças identificamos, entre outras evidências, o desejo ou a disponibilidade da maioria das crianças para modelar com argila.

Descobrimo a mandala

A fim de encorajar o desenvolvimento das potencialidades individuais harmonizando simultaneamente com o grupo social que compartilharia o mesmo espaço e participaria de realizações conjuntas, iniciamos os trabalhos explorando o conceito de mandala. Essa escolha foi o início de um processo de sensibilização interior para criação de formas artísticas significativas, para o alargamento dos laços afetivos entre as crianças, para integração consigo mesmo, com os outros e com o espaço.

“Mandala” é uma palavra sânscrita que significa círculo ou círculo mágico, a mandala possui um centro que representa o núcleo da psique (self), cuja energia se manifesta num impulso que pode levar o indivíduo a tornar-se o que ele é (SILVEIRA, 1997). A criação de mandalas permite trabalhar a quietude e a expansão pelo movimento, propiciando ao mesmo tempo um encontro consigo mesmo e com o todo.



Fig.1-Ciranda

Dançamos uma ciranda com as crianças, como forma de preparo corporal para compreensão interna e externa da proposta a ser realizada. Os alunos ficaram mais descontraídos e receptivos desencadeando uma conversa animada sobre o que poderia ser uma mandala. Por meio de indagações as crianças foram citando formas circulares conhecidas, como bola de futebol, bolacha do mar e outras. Mostramos imagens de mandalas na natureza, no corpo humano, na arquitetura, na arte, no cotidiano e conversamos. Ficaram surpresas ao perceber a anatomia do olho e do cérebro, o formato das flores, dos vitrais, das catedrais e outras formas.

Em seguida, disponibilizamos diversos materiais e cada uma delas construiu a sua própria mandala. À medida que iam terminando, em um tapete no chão, eram convidadas a criar uma mandala com os amigos. O fazer coletivo proporcionou o diálogo, a divergência de opiniões, a partilha, a troca, a negociação na escolha de material e cores até a concretização da forma final, demonstração de um processo rico de construção intelectual, emocional e social.

O encontro com a obra “Lugar com Arco” e com a casa do João de barro

Levamos as crianças para conhecer o monumento Lugar com Arco, da artista Norma Grinberg e a casa do João de Barro na Praça do Relógio (USP).



Fig. 2 – Visita ao monumento Lugar com Arco, de Norma Grinberg.

As crianças fizeram comparações sugerindo, inclusive, que a artista tirara a ideia de construir o monumento tendo visto a casa do João de Barro. Correndo ao redor da obra, as crianças perceberam que quanto maior a distância menor a obra ficava e quanto mais se aproximavam mais ela aumentava de tamanho:

“Movimento para ele em primeiro lugar, automovimentação – ‘movimento a partir do próprio ser’, como dizia – , ‘realização do ímpeto’, ‘força de impulsão’, ‘energia’ inesgotável em sua existência e em suas conseqüências: o ‘fato primordial’ e o ‘começo’ de todas as coisas.” (KLEE, 2001, p.10)

O contato com a natureza, a observação das formas, a possibilidade de mobilidade no espaço, a sensibilização às formas construídas a partir da modelagem, tanto pelo pássaro quanto pelo ser humano, possibilitou uma percepção espacial, construtiva, assim como sensações de prazer, de liberdade, questionamentos, relações, reflexões e a quebra das barreiras entre pensar, sentir e fazer. O ambiente explorado permitiu integração entre ser e natureza, a sensação de pertencimento, compreensão de ser e estar no mundo e a possibilidade de

manifestação artística a partir de uma ideia (Grinberg) ou de uma necessidade instintiva (João de Barro).



Fig.3 – Visita a Casa do João de Barro na Praça do Relógio (USP)

Posteriormente, fizemos uma visita ao Espaço Norma Grinberg. Na ocasião estavam presentes também os artistas Alberto Cídraes e Silvia Tagusugawa expondo suas obras, resultando em um encontro profícuo entre artistas e as crianças. As crianças ficaram encantadas ao conhecer um espaço criado para expor obras, apreciaram a disposição dos objetos no espaço, a mobilidade espacial permitiu uma relação próxima com as obras, uma série de descobertas, sentimentos e pensamentos foram sendo suscitados à medida que exploravam o lugar. Conversaram com os três artistas que falaram sobre o desenvolvimento do processo criativo de cada um, do porquê escolherem o material cerâmico para o trabalho, de onde vêm suas inspirações, responderam a perguntas individuais e coletivas sobre as obras expostas. As crianças puderam expressar dúvidas, preferências, emitir opiniões, etc. Uma das alunas se apaixonou pelas “cabeças” que Cídraes construiu e quando foi para o ateliê passou a modelar cabeças.



Fig.4 – Visita ao Espaço Norma Grinberg

Esse encontro influenciou significativamente a produção e apreciação das crianças no decorrer do desenvolvimento do ateliê, permeou a imaginação, as conversas, os sentires, pensares e fazeres. A “fonte” de Grinberg foi a obra eleita como preferida por unanimidade, a fluidez da água intercambiando com a terra deu asas a imaginação dos pequenos.

As preferências pessoais começaram a manifestar-se, uma das crianças apaixonada por dinossauros colocou a mão na massa.

Las cualidades de la arcilla plástica, que la hacen inmediatamente atractiva a los niños, fueran probablemente las mismas que atrajeron a los pueblos primitivos, quienes, en lo que podemos saber, conformaron vasijas sencillas y modelaron figuritas. (...) A diferencia de otros materiales tales como la madera o el marfil, la arcilla no impone por sí misma ninguna restricción a las figuras que pueden hacerse con ella. (COOPER, 1981, p.11)



Fig.5 – Relevo



Fig. 6 – Modelagem ao ar livre.

Modelávamos no ateliê e também ao ar livre, quando as crianças descobriram que podiam imprimir seus pés, suas mãos, as texturas das árvores e das plantas.

Começaram a pedir ajuda uns dos outros para realizar o que desejavam.

“A empatia significa deslizar com o nosso próprio sentimento para uma estrutura dinâmica de um objecto, um pilar, um cristal ou o ramo de uma árvore, ou mesmo um animal ou um homem, e como se fôssemos descrevê-lo de dentro, compreender a formação e movimentação (Vewegtheit) do objecto com as percepções dos próprios músculos: significa “transportarmos” para dentro dele.” (READ, 1981, p.34)



Fig. 7 – Impressão com folhas

Visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia

O ensino de arte em museus constitui um componente essencial para a arte-educação: a descoberta de que a arte é conhecimento. A arte pode assumir diversos significados em suas várias dimensões, mas como conhecimento proporciona meios para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura. Por meio dessa prática educativa em museus podem ser reveladas diversas formas de expressão artística que contem muitas das maiores idéias (sic) da cultura universal, cujos significados de arte são contribuições relevantes para a sociedade.(...) A arte proporciona um registro da civilização por meio da abordagem das idéias artísticas essenciais e das expressões que serviram para celebrar e continuar a refletir a alegria de viver. (BARBOSA, 2001, p.37)



Fig. 8 – Visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

A visita ao museu foi uma nova descoberta e encontro. Olhares surpresos e indagadores percorriam o espaço. Quiseram desenhar os objetos de acordo com suas preferências e foi difícil ir embora do lugar. As máscaras africanas despertaram questionamentos e admiração, os animais confeccionados pelos índios carajás convidaram as mãozinhas curiosas para abrirem gavetas com grande expectativa. A multiforme diversidade apontava caminhos a serem descobertos por meio da experiência de apreciação estética prazerosa. Estar presente no museu com o corpo e com a alma, impulsionado por um movimento de curiosidade e liberdade de expressão das ideias permite que nos sintamos civilizados. Inicialmente produtores, mas também apreciadores de cultura, que nada mais é do que o cultivo do ser.

Crazy Land: um projeto coletivo

Numa roda de conversa, depois de terem confeccionado objetos individualmente, alguns alunos, em duplas, decidiram criar um mundo imaginário. Neste mundo poderia ter tudo que desejassem ser, inclusive ter a forma que quisessem, tudo seria possível.



Fig. 9 - "Crazy Land"

Alguns elementos constitutivos do mundo dos sonhos, imaginário ou maluco, segundo declarações das próprias crianças eram: robô com esteira com duas máquinas de *sundae* para as pessoas não morrerem de fome; uma menina com boca gigante capaz de engolir CDs porque o mundo precisa de música; vaso tecnológico, onde se coloca terra e uma sementinha; cinema; tartaruga e coruja; prédio em formato de telefone; árvores para um mundo melhor; ponte com relógio para saber as horas; pedra; cratera; animal com fone de ouvido, pinguim, cogumelos e carro.



Fig. 10 - Objetos em cerâmica.

Preparamos uma exposição dos trabalhos para amigos e familiares, organizada pelas crianças para mostra dos exercícios, dos trabalhos individuais e dos coletivos.

A ação da arte no indivíduo e no seu contexto em geral

Avaliando o processo de ensino-aprendizagem durante o percurso e após investigações junto às crianças, aos pais e aos professores, pudemos identificar desdobramentos que se prolongaram na vida da criança e algumas possíveis transformações. Essa análise parte de relatos orais, escritos e artísticos que foram registrados no decorrer e ao término do processo. O trabalho coletivo encorajou algumas crianças mais tímidas inicialmente a falar em público e se posicionar com suas opiniões, o que foi observado pelos pais e professores.

A visita a museus, exposições e conversas com artistas, além da prática no ateliê, e tão importante quanto, propiciou que as crianças compreendessem o processo criativo dos artistas e de si mesmos, desmistificou o artista como gênio, alguém que tem um dom especial, e desmistificou a ideia de que o bom artista é aquele que já morreu. Aproximou o artista do ser humano, perceberam que é alguém com quem poderiam se identificar.

A percepção visual aumentou, isso ficou bastante claro quando um dos alunos de 8 anos percebeu, ao observar um quadro da família que estava a anos na sala de sua casa, uma ovelha que ninguém tinha notado até então.

A dinâmica do ateliê conscientizando cada um da responsabilidade por todo o processo, desde o lavar e o guardar as ferramentas até expor o trabalho final aprofundou e possibilitou uma concentração maior, uma auto-disciplina e organização da criança. Crianças que largavam os brinquedos jogados no início do processo passaram a se incomodar com a desorganização sem que precisássemos obrigá-las a organizá-los após cada brincadeira. Uma aluna com dificuldade na escrita demonstrou um avanço significativo, começou a escrever melhor.

O trabalho no ateliê suscitou o desejo de fazer outros trabalhos em casa, como desenhos, origamis, peças com argila para treinar, além de ter estimulado outros interesses como cozinhar e costurar, o que denota uma interação com o seu

próprio ambiente e também novas escolhas. Crianças que comparavam seus desenhos com irmãos mais velhos começaram a ter autoconfiança e conseguiram se libertar deste estigma, elevando a autoestima. Algumas demonstraram mais alegria em casa pois cantam enquanto trabalham, possivelmente por trabalharmos com música.

Cuando bajaron las águas de la inundación, era un lodazal el valle de Oaxaca. Un puñado de barro tomó vida y caminó. Muy despacito caminó la tortuga. Iba con el cuello estirado y los ojos muy abiertos. Iba descubriendo el mundo. (Mitografía indígena de México)

O processo criativo é movido por ordem intuitiva e/ou por empatia, ao iniciá-lo a criança materializa seus objetos de afeto, suas vontades e sua intenção; é de ordem intelectual, pois tem a ideia prévia que será trabalhada na busca pela qual se realizará esse fazer.

A criação a partir da sua experiência é essencial, mas é no embate com a matéria, no estudo de como se realizará o trabalho, no concretizar o mesmo é que a criança encontra os desafios: ao modelar a matéria, por ela é modelada. Essa ação não é isolada, é recíproca e concomitante com a formação do trabalho e a transformação da matéria e do ser através do fazer.

Quando as proposições propiciam este movimento de desabrochar interior pelo sentir, ver, ouvir, pensar, falar, fazer, inicia-se uma aventura que promove a busca e a descoberta humanas. Neste momento, o essencial é possibilitar a descoberta do ser que se revela no objeto e vice-versa, é desenvolver um ambiente adequado para promover o ser-fazer e o pensar-sentir da criança. Inclui explorar o entorno, desvendar a natureza, representar o mundo, organizar as imagens internas, conhecer obras de arte estabelecendo um contato com o fenômeno arte.

Assim, a criança começa a agregar conceitos e estabelecer critérios estéticos para a criação das formas. Vivencia por meio de experiências essa apropriação. Chega numa verdade. Verdade essa que não provém de uma teoria vazia e externa, ao contrário, faz sentido, tem vida e, é significativa. A experiência artística vivida expande-se transformando e capacitando o ser humano a construir seu próprio projeto estético de vida.

Os sentires, os pensares, as escolhas, as decisões, os fazeres e as configurações compartilhadas isso permitem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação: leituras no subsolo. SP: Martins, 2001.

BARBOSA, Ana Mae T. Bastos. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1999. 134 p.

BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. São Paulo. Ática, 1985.

CHITI, Jorge Fernandez. Curso prático de cerâmica. Tomo 1, Argentina, Ediciones Condorhuasi, 1969-1988.

COOPER, Emmanuel. Historia de La cerâmica. Espanha, Ediciones Ceac, 1981-1987.

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Desígnio. São Paulo.

EISNER, Elliot Willian. The arts and the creation of mind. New Haven and London: Yale University Press. 2002. 258 p.

_____. O que pode a Educação Aprender das Artes sobre a prática da Educação?. Currículo sem Fronteira, v. 8, n. 2 pp 5-17, Julho-Dezembro. 2008.

KANDINSKY, Wassily. Do espiritual na arte, São Paulo, Martins Fontes, 1954-2000.

JARDIM, Evandro. Arte como manifestação poética. In: Seminário Ações Singulares II – História e Ensino da Arte: Experiências, São Paulo, Instituto Tomie Otake, 2009.

MACAMBIRA, Yvoty. Evandro Carlos Jardim. São Paulo, Edusp, 1998, p. 81.

OLIVEIRA, Márcio Rogério (coordenador). ROSENTHAL, D. (Org.). Rizzi, MCSL (Org.). A Reflexão e a Prática no Ensino - Volume 9 - Artes. SP: Blucher, 2013

PARSONS, Michael J.. Compreender a Arte. Lisboa. Editorial Presença, 1987.

PILLAR, Analice Dutra (org.). A educação do olhar no ensino de artes. Porto Alegre: Mediação, 1999.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima Rizzi. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae. Ensino da arte: memória e história. São Paulo, Perspectiva, 2008.

READ, Herbert. A educação pela arte. São Paulo, Martins Fontes, 1982.

_____. As origens da forma na arte. São Paulo, Zahar, 1981.

GRINBERG, Norma Tenenholz. Humanóides: Transmutações da forma e da matéria. Dissertação de Mestrado, São Paulo, ECA/USP, 1994.

Lugar com Arco. Tese de Doutorado, São Paulo, ECA/USP, 1999.

KLEE, Paul. Sobre Arte Moderna e Outros Ensaio, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

PARSONS, Michel. Compreender a Arte. Lisboa. Editorial presença. 1992.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Olho Vivo – Arte-Educação na exposição Labirinto da Moda: Uma Aventura Infantil, São Paulo, ECA/USP, 1999.

SANTIAGO, Adriana Bisquert. Las Artes Plasticas em La escuela. Madrid. Rivadeneira, 1977.

TAGUSAGAWA, Silvia Noriko. Articulações: poéticas do corpo. Aexperiencia do corpo expressada através da cerâmica. São Paulo, Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 2009.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo, Abril Cultural, 1985.

GORDILHO, Viga. Cantos Contos Contas – Uma trama às águas como lugar de passagem. Bahia, P555 Edições, 2004.

SILVEIRA, Nise. Jung. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

SOARES, Margarete Barbosa Nicolosi. Ateliê de artes visuais para crianças: buscando fundamentos, compreendendo o essencial. SP: Dissertação (Mestrado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-26112011-220119/>>. Acesso em: 2013-05-15.

Margarete Barbosa Nicolosi Soares

É doutoranda e mestre em Artes Visuais (ECA/USP), licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, artista plástica e pesquisadora no Ateliê de Artes para Crianças (ECA/USP). É vice-presidente do Ateliê Casa da Memória Coletiva. Possui experiência no ensino público, privado, terceiro setor, unidades de internação com medida sócio-educativa, ateliês e no ensino superior.

Maria Christina de Souza Lima Rizzi

É arte-educadora e professora doutora no Departamento de Artes Plásticas (ECA/USP). Atua na graduação e na pós-graduação orientando mestrado e doutorado. Pesquisa, a partir do parâmetro da Abordagem Triangular do Ensino da Arte, o universo do ateliê de artes para crianças. Desenvolve, desde a década de 1980, pesquisas e projetos na área de educação em museus e exposições.